



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

CINEMA E SEXUALIDADE: DEBATE HISTÓRICO-TEÓRICO DA REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM HOMOSSEXUAL MASCULINA

Wendell Marcel Alves da Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

marcell.wendell@hotmail.com

Este trabalho investiga pontos iniciais de uma cinematografia comparada, a respeito de produções que apresentem homossexuais gays em seu contexto narrativo. A partir dessa colocação, buscamos dialogar com questões caras à sociologia cultural, como a categoria de representação, colocando em análise a forma com que os comportamentos das personagens homossexuais masculinas são desenhados nos filmes. Para ilustrar isso, fizemos a desconstrução filmica de um recente longa-metragem brasileiro, Hoje Eu Quero Voltar Sozinho, tendo em vista que esta produção específica atingiu um grande número de espectadores em todo o território nacional. Em seguida, discorreremos um debate teórico acerca das representações de homossexuais masculinas no cinema brasileiro. Concluimos este ensaio com a indicação do longa-metragem para efeito didático-pedagógico em sala de aula e instituições que fomentam os direitos humanos.

Palavras-chave: Cinema, Representação, Sexualidade.

Introdução

A história do Cinema apresenta movimentos dialéticos distintos. Porventura, estamos diante de uma arte que direciona o seu objeto, o filme, para a reprodução das ideias dos seus produtores e, assim, o cinema é se não uma representação ideológica do ser humano, e que pode ser considerada como uma manifestação de um período ou momento histórico (COSTA, 2003).

Nesse artigo, vamos apresentar alguns filmes que, mediante o espaço-tempo em que foram produzidos, representam, de alguma forma, o imaginário em que os homossexuais masculinos são concebidos na sociedade. Diante dessa proposta, o cinema como dispositivo trata-se de uma arte que tem o poder de propagar discursos que se estabelecem nas relações



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sociais (AGAMBEN, 2009; METZ, 1983). O cinema, em síntese, é um dispositivo que estabelece "verdades" e direciona pensamentos sobre o comportamento de homossexuais masculinos através das personagens e como são construídos no material fílmico.

A abordagem aqui é desenhar um debate em três eixos específicos: o cinema como dispositivo que representa os homossexuais masculinos por meio de diferentes perfis de personagens em suas tramas; a análise de um longa-metragem brasileiro, que apresenta como protagonista uma personagem homossexual masculina e que pode ser lido como um produto da história do cinema, mas que, por outro lado, estabelece uma produção imagética quanto ao tratamento da categoria gay no cinema brasileiro contemporâneo, em contrapartida aos filmes que foram produzidos nas últimas décadas. E, definidos esses programas, no último momento, discutir questões relativas à sexualidade e como ela é trabalhada em dois casos de filmes brasileiros.

Metodologia

A metodologia adotada neste trabalho é simpática com a investigação histórica da cinematografia mundial, apresentando títulos que possuem em seus enredos personagens homossexuais masculinos e como eles são representados socialmente pelo dispositivo do cinema. Além disso, buscamos com a desconstrução fílmica de um longa-metragem brasileiro, desmistificar como o comportamento e o corpo são personificados nas personagens homossexuais masculinas. Recorremos ainda a uma investigação teórica, para discutir os conceitos de sexualidade, comportamento e representação, no intuito de fomentar um debate salutar desses campos humanos.

Breves apontamentos sobre a história do Cinema Gay

O cinema gay tornou-se, com as décadas e o desenvolvimento da linguagem cinematográfica, fruto de um interessante processo de descobrimento de fazer *a arte do movimento*, buscando a qualidade da técnica e da poética na implicação de seu enredo e da autonomia crítica frente aos movimentos preconceituosos e machistas que existiam nas



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

produtoras de cinema. Por exemplo, aquelas nos Estados Unidos – onde os astros da telona, que interpretam amantes apaixonados formando casais memoráveis com mulheres deslumbrantes, precisavam esconder a homossexualidade das vistas dos repórteres, que ironicamente eram cogitados a criar certa áurea em torno deles – e numa Alemanha do final da década de 1910, onde a prática homoafetiva era considerada como crime.

A cinematografia mundial é prova disso. A dificuldade de levantar questões que tratassem da temática da homossexualidade, em especial, a sexualidade gay, fez com que o cinema aderisse a uma série de configurações plásticas. A utilização de recursos como elipses, assim como a remodelada nos elementos filmicos não específicos (MARTIN, 2013) no guarda-roupa das personagens, através de uma montagem que “ocultasse” na concepção do espaço-tempo à impressão taxativa dos maneirismos homoafetivos; além da deliberada construção de roteiro que insinuava determinada sexualidade “imprópria” da personagem¹.

No entanto, a apresentação das personagens, como vai contar a história do cinema, elevava conceitualmente o estereótipo do gay afeminado² e da lésbica masculinizada. É visto hoje nos programas de humor, este estereótipo, porque se consideram rir da orientação sexual ao invés de induzir que existem códigos diferentes da heterossexualidade, estes considerados normais. A religião³ é um elemento decisivo na incorporação dessa ideologia da heteronormatividade, mas não seguiremos por este ponto.

Com o tempo, novas dinâmicas cinematográficas tomaram partido de como contar a relação homossexual não apenas com uma visão intimista da vida, mas política e social, como é o caso de Filadélfia (*Philadelphia*, Jonathan Demme, 1993) e Milk – a voz da igualdade (*Milk*, Gus Van Sant, 2008).

No Brasil, mais recentemente, o filme Tatuagem (Hilton Lacerda, 2013) provocou sensação por um cinema brasileiro visualmente bonito, politicamente engajado e historicamente sensível. O curta-metragem cearense O Melhor Amigo (Allan Deberton, 2013) é igualmente sensível e plástico na discussão acerca da relação homoafetiva sem cair em insinuações estereotipadas. O filme de Deberton concorreu em vários festivais do Brasil e do

¹Ver Paiva (2007) e seus estudos sobre a percepção das imagens homoeróticas masculinas no cinema.

²Para conhecer a categoria de gay afeminado a partir da década de 1970 e 1980, ver Nazario (2007).

³Para uma leitura inicial sobre esse assunto, ver Jurkewicz (2003), Moutinho (2004) e Lima (2006).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mundo, encantando o público com a temática da descoberta sexual, que tem como plano de fundo as belas praias de Fortaleza.

Como sabemos, a produção de curtas-metragens no Brasil é mais forte que a de longas-metragens. Essa mudança aconteceu no final da década de 80 por iniciativa das leis de incentivo, como permanece até hoje, no entanto o governo federal vem implementando uma série de políticas audiovisuais para a produção de longas. Como aponta Bessa (2007) e Silva (2012) – o primeiro no caso mundial, o segundo no caso brasileiro –, as exhibições desses filmes curtos acontecem em festivais por todas as regiões do planeta, muitos deles voltados para as temáticas LGBTTT, que disseminam as produções independentes e universitárias dos realizadores em ascensão⁴. No entanto, estamos interessados nesse trabalho investigar a representatividade da personagem homossexual masculina em algumas realidades cinematográficas, destacadamente em produções de longa-metragem.

Para ilustrar a historicidade cinematográfica⁵, Moreno (1995) organizou um sumário da produção audiovisual brasileira, onde se encontravam personagens homossexuais, iniciando sua listagem na década de 1920 com Augusto Aníbal Quer Casar (Luiz de Barros, 1923), passando por O Donzelo (Stefan Wohl, 1970) e chegando até a década de 1990 com Cinema de Lágrima (Nelson Pereira dos Santos, 1995). O autor catalogou algo em torno de 125 títulos, onde estão presentes personagens homossexuais no enredo, mostrando que existe um histórico peculiar na cinematografia brasileira que se dirige a essa temática, contudo recorrendo muitas vezes ao descaramento da comédia pastelão no contexto relacional das personagens.

Mormente, títulos célebres remontam possibilidades de um cinema gay onde se obstruíam os limites de mostrar um posicionamento das personagens homossexuais, frente às realidades que se apresentavam próximas ao cotidiano. Todavia, até mesmo nesses casos, eram cadastradas na tela partituras como a violência e, em especial, o lado trágico do relacionamento homoafetivo, como podemos perceber em Febre de Primavera (*Chun Feng Chen Zui De Ye Wan*, Lou Ye, 2009), A Lei do Desejo (*La Ley del Deseo*, Pedro Almodóvar,

⁴Para conhecer o painel de curtas-metragens brasileiros que versem a temática homoerótica, consultar o trabalho de Reis (2009). Além de realizar um tratamento sobre a personagem homossexual no cinema brasileiro, o autor também traça um panorama dos festivais de cinema e vídeo voltados para a exibição de filmes GLBT no Brasil e nos Estados Unidos.

⁵Ver Xavier (2001) e Santos e Costa (2009), que, em planos históricos diferentes, se dedicaram a identificar o desenvolvimento da produção de filmes brasileiros, e a relevância identitária na construção de enredo e na subjetivação das personagens como representação de uma cultura ascendente no contexto histórico-cultural.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

1997), *Um Estranho no Lago* (*L'Inconnu du Lac*, Alain Guiraudie, 2013), no título francês *As Amizades Particulares* (*Les Amitiés Particulières*, Jean Delannoy, 1964), bem como no clássico americano *Festim Diabólico* (*Rope*, Alfred Hitchcock, 1948).

Portanto, ainda que a temática gay tivesse sido apresentada ao espectador sem as cortinas que antes enclausurava a verdadeira sexualidade do constructo interpretativo, tornava-se evidente que no cerne de algumas personagens ocorriam intensas atribulações psicológicas que propiciavam no ápice do filme uma conclusão violenta. Diferentemente, em *O Segredo de Brokeback Mountain* (*Brokeback Mountain*, Ang Lee, 2005), tido por muitos críticos de cinema e por um público inefavelmente diverso um dos mais belos filmes de temática gay de todos os tempos, a violência é motivada pelo preconceito do homem machista, mas em todos os outros casos, era determinante na tela uma inerente agressividade com os relacionamentos homossexuais de um parceiro com o outro.

Leitura do filme “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho” e outros debates

Apresentamos o enredo do filme *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho*⁶ (Daniel Ribeiro, 2014), direcionado para um campo específico do cinema, onde as relações afetivas entre as pessoas ultrapassam os limites de uma heteronormatividade comumente empregada pelas mídias, sendo este o cinema gay.

A partir disso, podemos propor que o filme precisa ser compreendido como uma importante ferramenta de análise fílmica, ao mesmo tempo no campo multidisciplinar do social, cultural, educacional e das políticas públicas. O filme, neste caso, que engloba essas qualidades, é *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho*, como já mencionado em Costa e Santos Junior (2014), nos campos do atendimento especializado, da educação e dos direitos humanos.

O longa-metragem, dirigido e roteirizado por Daniel Ribeiro, vai contar a história de Leonardo, jovem cego que enfrenta problemas na escola por conta de sua condição física, e, no duro tratamento sofrido pelos seus pais, demasiados protetores. Além disso, é recorrente que, sabendo que Leo está passando por uma fase de transformação e desenvolvimento

⁶O filme é baseado no curta-metragem “Eu Não Quero Voltar Sozinho” (idem, 2010), do mesmo diretor e com os três atores principais. O filme, em sua época, fez enorme sucesso nas redes sociais e nos canais de vídeos, vencendo inúmeros prêmios e precipitando desde seu lançamento, diante do sucesso de público e de crítica, uma abordagem de longa-metragem. O longa-metragem foi lançado em 10 de abril de 2014, e em sua primeira semana de exibição nas salas de cinema, foi uma das maiores bilheterias daquele momento. Ultrapassou com facilidade a marca de 1 milhão de espectadores e dentre os prêmios que venceu, está o FIPRESCI na mostra Panorama no Festival Internacional de Berlim, em 2014.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

psicossocial, leve ele a crer que os relacionamentos afetivos precisam ser aflorados no mesmo compasso dos seus amigos de escola, como podemos afirmar nos diálogos que o garoto tem com sua melhor amiga, Giovana.

Visto isso, com a chegada de uma nova personagem, Gabriel, a descoberta do que é sentir o desejo por outra pessoa ganha outros significados, e, mais do que isso, supervalorizados e bem realizados visualmente pelo diretor; haja vista na cena de quando o rapaz de cabelos encaracolados chega à sua nova sala, sendo identificado por Leo apenas pelo som de sua voz, tendo a orelha do rapaz fotografada no primeiro plano.

Ora, com isso identificamos o quão especial é Leonardo, mas o quanto também é normal frente aos seus colegas comparativamente aos seus sentimentos e o processo de descoberta sexual. Esse enfrentamento, conjugado ao lado da de Gabriel, ganha um tratamento interessante de acordo com que a narrativa infere segmentos que colocam a personagem principal na balança entre a fuga – ele deseja realizar intercâmbio em outro país – e o enfrentamento dos desafios.

Curiosamente, não é a escuridão que abarca a percepção visual de Leo que o assusta, não obstante podemos afirmar que são as dinâmicas ideológicas dos seus pais, dos colegas de sala e do próprio corpo da instituição escolar, analisado de forma perceptível como uma organização insuficientemente preparada para lidar com as pluralidades comportamentais e de gênero.

Para narrar alguns debates sobre o filme, tomemos como ponto de partida uma sequência específica, para debater questões concernentes ao processo de *fazimento* da personalidade de Leo. Logo quando sofre uma agressão psicológica – *bullying* – cometida pelos alunos de sala, a personagem desaparece por algumas horas. Na volta para sua casa, encontra a sua mãe muito nervosa, que diz, soando ironicamente para o rapaz e para o espectador: “sabe que horas são? Você, sozinho de noite no escuro”. O rapaz tenta ir para o seu quarto, quando bate de frente com seu pai.

Esse procedimento de confronto entre pais e filho do diretor leva-nos a crer que, novamente, não são paredes ou sua própria deficiência visual que impede um



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

desenvolvimento social saudável, mas para Leonardo é sim uma barreira superprotetora dos pais, que não constroem a possibilidade do rapaz trilhar seu caminho na envergadura por uma autossuficiência, tão almejada na adolescência.

Em seguida, após a estrutura familiar ser devidamente descrita, o filme propõe relacionar o caminho trilhado por Leonardo em sua descoberta sexual, concomitantemente ilustrando a dos seus colegas de escola, fazendo um paralelo com a sensibilidade da protagonista nessa busca e a errática abordagem para se chegar até a uma aceitação social nos relacionamentos interpessoais. A festa de Maria e a viagem ao campo são exemplos cênicos por onde o diretor opta para ilustrar estas discussões, inserindo no corpo psicológico das personagens o álcool como uma forma de alienar a mente, e poder mergulhar de forma completa no corpo social que precisa fazer parte.

Sobre isso, valemos da proposta de Freud⁷ que, segundo ele, são três as fontes de desprazer nos homens: aquele que vem do próprio corpo, do mundo externo, e do outro. A última, acertadamente, é a mais dolorosa, porque a fruição das relações sociais é banalizada nos inúmeros rituais diários. Isolar-se do outro pode ser a defesa utilizada para fugir do sofrimento quase certamente infligido, assim como se afastar ou procurar manter-se inerte durante as relações humanas insalubres, o que leva o indivíduo a sustentar vícios, intoxicar-se com substâncias que não compõem o material biológico do seu organismo, que produz naturalmente sensações de prazer. O álcool, neste caso, é a saída para adentrar na “realidade social”.

Agora, se a festa de Maria ou a viagem da escola possuem um significado importante, até mesmo de “amostragem” das personagens, onde eles provocam ações uns nos outros gerando a construção da narrativa, o que representa então as cenas da piscina, recorrentes nos três atos do filme?

Em Hoje Eu Quero Voltar Sozinho, o prólogo é a ponte que vai dar a continuidade necessária para a sedimentação poética do filme. Por meio de falas fáceis, a representação fornecida por essas conversas vai desenhar a identidade das personagens, no mesmo tempo em que as transformações vão ocorrer na mente e no corpo deles.

⁷Ver O Mal-Estar na Civilização. Disponível em: [www.projetovemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/Livro%20-%20O%20Mal-Estar%20na%20Civiliza%20%E3%20\(Sigmund%20Freud\).pdf](http://www.projetovemser.com.br/blog/wp-includes/downloads/Livro%20-%20O%20Mal-Estar%20na%20Civiliza%20%E3%20(Sigmund%20Freud).pdf)
Acesso em 31 de mai. 2014.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Uma lição dada pela película, neste sentido, é o intenso e doloroso processo de transformação, identificação e descoberta da sexualidade de um garoto que não possui a visão. Dessa forma, o sentido do funcionamento poético da água no enredo visto no banho individual de Leo, em dupla com Gabriel e nas cenas das piscinas, está subjetivamente ligado a uma sexualidade do nu e da *sexualização* e erotização do corpo, assim como foi utilizado no filme *Praia do Futuro* (Karim Ainouz, 2014), só que desta vez tendo como cenário externo uma das praias de Fortaleza.

Entrementes, Leonardo não enxerga o mundo através dos seus olhos, mas por outros sentidos; mesmo assim se agarra, por um momento, a uma vergonha de se mostrar varrido de roupas para Gabriel. Visto isso, é aceitável afirmar a não desapropriação de uma sexualidade aflorada em garotos como Leo ou de qualquer outro com uma condição física que vai diferir de outro indivíduo.

Em outro momento do filme, a personagem de Gabriel vai ensinar a Leonardo por que o eclipse, para ele, é tão belo. Curiosamente, revendo a história do cinema, a primeira relação homossexual que se tem notícia na história da sétima arte é um eclipse entre o sol e a lua, ambos do gênero masculino, no curta-metragem *O Eclipse: Ou a Corte do Sol à Lua* (*L'Éclipse Du Soleil En Pleine Lune*, Georges Méliès, 1907). Isso mostra que a temática da sexualidade está presente nos sentidos codificados do longa-metragem de Ribeiro.

Cinema e sexualidade

Iniciando um diálogo a respeito da sexualidade, concordamos com Weeks (2001, p. 39), quando ele vai dizer que “a sexualidade é, [...] além de uma preocupação individual, uma questão claramente crítica e política, merecendo, portanto, uma investigação e uma análise histórica e sociológica cuidadosas”. Para o autor, a respeito de um terceiro gênero sexual:

Embora a homossexualidade tenha existido em todos os tipos de sociedade, em todos os tempos, e tenha sido, sob diversas formas, aceita ou rejeitada, como parte dos costumes e dos hábitos sociais dessas sociedades, somente a partir do século XIX e nas sociedades industrializadas ocidentais, é que se desenvolveu uma categoria homossexual distintiva e uma identidade a ela associada (WEEKS, 2001, p. 65).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Precisamente, o longa-metragem aqui discutido opta por finalizar seu encontro com o espectador, em um ápice representativo e que dá margem às palavras de Weeks, quando o conhecimento da homossexualidade sempre existiu na história das civilizações, mas não o homossexual. Nesse momento, pode ser observado um movimento diferente, porque, “cada vez mais, a homossexualidade se torna uma opção, ou uma escolha, a qual os indivíduos podem seguir de um modo que era impossível numa sociedade mais hierárquica e monopolítica” (WEEKS, 2001, p. 70).

No entanto, outras cinematografias apresentam representações da sexualidade diferentes. É o que demonstra Borges (2013) e sua análise do filme *Meninos Não Choram* (*Boys Don't Cry*, Kimberly Peirce, 1999), onde são visualizadas configurações de teor homofóbico no que concerne à adequação de um comportamento que encontre aceitação com o meio social, ou seja, com a conduta heteronormativa. Dessa forma, segundo a autora,

“Meninos Não Choram” é uma expressão representativa de um modelo de ser homem que inclui a expressão da agressividade, o confronto, o contato estoico com a dor e a luta constante pela liderança do grupo que somente pode ser alcançada pelos mais fortes e resistentes. Essa é uma visão bastante essencialista e naturalizada do macho, viril, agressivo e competitivo, de tal forma que a resistência à dor e a ausência da expressão de dor são encaradas como evidências do ser homem (BORGES, 2013, pp. 170 – 171).

A mesma perspectiva analítica cinematográfica foi realizada por Rossi (2009) e Biazon (2014), a fim de desconstruir o material narrativo dos longas-metragens brasileiros *Aqueles Dois* (Sergio Amon, 1985) e *Do Começo ao Fim* (Aluzio Abranches, 2009), respectivamente. Os autores procuraram evidenciar representações culturais a respeito de uma sexualidade compreendida no imaginário brasileiro através do cinema aqui produzido, colocando em destaque os padrões estereotipados e os comportamentos estigmatizados. E, sobretudo no estudo de Rossi (2009), a ideia de *homossexualidades* que se colocam no debate acerca das posições políticas adotadas no grupo de homossexuais masculinos, que se estende aos LGBTTT. Em outras palavras, se a própria sociedade se questiona sobre as definições de sexualidade, orientação sexual, desejo e comportamento, os componentes LGBTTT igualmente, entre si, possuem opiniões divergentes.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

As categorias nomeadas de homossexual, gay, homoafetivo, homoerótico entre outros, incorporam na cultura popular configurações mais apelativas, como bicha, viado, fresco e outros. O cinema, e mais singularmente os filmes, frente a esses discursos, incorporam e representam em suas personagens e enredos, uma interpretação principalmente divergente daquela racionalizada a respeito dessas categorias apresentadas. É o que aponta a história do cinema gay: personagens gays afeminados, conflitos psicossociais trágicos, relacionamentos sexuais ardentes. As interpretações dos relacionamentos homoafetivos, e aqui adotamos essa categoria nesse campo específico de discussão, são representados pela chancela que a arte autoriza o artista a produzir a sua obra.

Conclusão

O cinema e a sexualidade estão próximos, como apresentamos, desde a mais recente iniciação na produção de planos, cortes, encenações. E não seria diferente. Sendo o cinema uma produção artística humana e a sexualidade, em uma leitura freudiana, uma parte que nos torna humanos, e que se impõe socialmente e culturalmente nos indivíduos, o primeiro sempre apresentará um recorte do segundo.

No filme Hoje Eu Quero Voltar Sozinho são as sutilezas das personagens, profundamente verossimilhantes, que conduzem a história numa narração suficientemente agradável. Dessa forma, as temáticas da deficiência visual, do conflito familiar, da descoberta da sexualidade e a agressão psicológica sofrida por Leo são redigidas por um canal que chega até ao espectador sem encontrar em sua frente grandes barreiras de comunicação. A história de Leonardo, Gabriel e Giovana, assim, pode ser apresentada a um público abrangente, não se restringindo às salas de cinema, mas adentrando nos espaços de discussão e formação humana e cinematográfica em escolas⁸, universidades e instituições preocupadas com a questão dos direitos humanos⁹.

O filme em questão é uma resposta à antiga construção de personagens homossexuais masculinas no cinema brasileiro. A personagem principal está em processo de descoberta sexual, por meio do corpo, dos sentidos, do contato com o outro. Talvez seja essa a

⁸ Em 27 de junho de 2014, foi divulgada no Diário Oficial da União a Lei Nº 13.006, de 26 de junho de 2014 que obriga a exibição de filmes de nacionalidade brasileira em escolas de educação básica.

⁹ Ver Oliveira e Morgado (2006), para conhecer experiências da relação entre professores e alunos homossexuais no espaço escolar.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mensagem do filme: incorporar a ideia de que o *fazimento* da sexualidade está mais próximo do desejo, e não do comportamento. Esperamos também que ocorra a descoberta de representar o homossexual masculino de forma coerente no cinema brasileiro desta pós-retomada.

WENDELL MARCEL ALVES DA COSTA, graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atuando nesta mesma instituição como bolsista de Iniciação Científica (Pibic/CNPq), sob a orientação da Profª Drª Maria Helena Braga e Vaz da Costa. Pesquisa na área de Cinema, sendo produtor e curador em festivais e eventos sobre cultura cinematográfica em Natal – RN. E-mail: marcell.wendell@hotmail.com.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Santa Catarina: Argos, 2009.

BESSA, Karla. **Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade**. In: *Cadernos Pagu* (28), jan/jun, pp. 257 – 283, 2007.

BIAZON, Victor Vinícius. **Cultura, entretenimento e imaginário no consumo da mídia: reflexões quanto à representatividade do sujeito homossexual no cinema**. In: *Comunicação & Mercado / UNIGRAN – Dourados – MS*, vol. 3, n. 8, jul./dez., pp. 04 – 15, 2014.

BORGES, Zulmira Newlands. **Meninos não choram: um comentário antropológico sobre uma história homofóbica**. In: *Bagoas: revista de estudos gays*, Natal, v. 7, n. 10, jul./dez, pp. 167 – 180, 2013.

COSTA, Antonio. **Compreender o cinema**. São Paulo: Globo, 2003.

COSTA, Wendell Marcel Alves, SANTOS JUNIOR, Wilson Camerino. **Até quando nossos alunos voltarão sozinhos?** Discutindo diversidade, educação e inclusão. In: *III Seminário Nacional de Educação, Diversidade Sexual e Direitos Humanos*, 3, Vitória, 2014, 13 páginas.

JURKEWICZ, Regina. **Cristianismo e Homossexualidade**. Santo André: 2003, 07 páginas. Disponível em: <http://rizoma.ufsc.br/pdfs.regina.pdf> Acesso em 01 de jul. de 2014.

LIMA, Luís Corrêa. **Homossexualidade e Igreja Católica – conflitos e direitos em longa duração**. Rio de Janeiro: 2006. 13 páginas. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br> Acesso em 01 de jul. de 2014.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 2013.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

METZ, Christian. **O dispositivo cinematográfico como instituição social** - entrevista com Christian Metz. In: *A Experiência do Cinema* / Ismail Xavier organizador. - Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilme, 1983.

MORENO, Antônio do Nascimento. **A personagem homossexual no cinema brasileiro**. Dissertação de mestrado. Campinas: 1995, 148 páginas.

MOUTINHO, Laura. **Homossexualidade e religiosidade em cultos de possessão no Brasil**. Rio de Janeiro: 2004. 15 páginas. Disponível em: <http://www.ces.fe.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel18/LauraMoutinho.pdf> Acesso em 01 de jul. de 2014.

NAZARIO, Luiz. **O outro cinema**. In: *Aletria*: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da FALE/UFMG, v.16, pp. 94 – 109, 2007.

OLIVEIRA, Meire Rose dos Anjos.; MORGADO, Maria Aparecida. **Jovens, sexualidade e educação: homossexualidade no espaço escolar**. Mato Grosso: 2006. 14 páginas. Disponível em: www.29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT23-2357--Int.pdf Acesso em 01 de jul. de 2014.

PAIVA, Cláudio Cardoso de. **Imagens do homoerotismo masculino no cinema: um estudo de gênero, comunicação e sociedade**. In: *Revista Bagoas*, Natal, n. 1, pp. 231 – 248, 2007.

REIS, Jaider Fernandes. **A descoberta do homoerotismo em curtas-metragens brasileiros**. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: 2009, 117 páginas.

ROSSI, Elvio Antônio. **Cinema no Armário: desconstruindo as representações das homossexualidades masculinas no cinema brasileiro**. Trabalho de conclusão de curso de Especialização. Porto Alegre: 2009, 63 páginas.

SANTOS, Robson Souza dos.; COSTA, Felipe da. **Cinema Brasileiro e Identidade Nacional: análise dos primeiros anos do século XXI**. Disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-robson-cinema2.pdf Acesso em 01 de jul. de 2014.

SILVA, Marcos Aurélio. **Territórios do Desejo: Performance, Territorialidade e Cinema no Festival Mix Brasil da Diversidade Sexual**. Tese de doutorado. Santa Catarina: 2012, 356 páginas.

XAVIER, Ismail. **O cinema brasileiro moderno**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

WEEKS, Jeffrey. **“O corpo e a sexualidade”**. In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade* / Guacira Lopes Louro (organizadora), Belo Horizonte: Autêntica, 2001.